

ESPECIAL

IARIMA

UMA HISTÓRIA DE AMOR NA AMAZÔNIA

Casada com um antropólogo americano, uma índia ianomami está morando nos EUA. A repórter Anabela Paiva conta como isso foi possível





Uma imagem de Iarima menina: plumas brancas nos cabelos lisos, as orelhas enfeitadas de flores... Saudades da terra natal.

Iarima abriu a porta de um dos sobrados brancos da cidadezinha de Rutherford, Nova Jersey (EUA), com um sorriso largo e tímido espalhado no rosto redondo. O conjunto de moletom cor-de-rosa denunciava a gravidez de quatro meses. Ela usava brincos enormes e tinha cabelos crespos. Na sala havia dois sofás, televisão, videocassete e duas incansáveis crianças. Do lado de fora, uma camionete vermelha estacionada e brinquedos espalhados pelo gramado. Uma casa normal de uma família normal.

Aos meus olhos, esta era uma normalidade absurda, extraordinária, fenomenal. Afinal, há apenas quatro anos, Iarima era um membro da tribo dos hasupuweteri, uma das mais afastadas comunidades do grupo ianomami. Os hasupuweteri vivem nas lonjuras da Amazônia venezuelana. Lá, Iarima havia nascido e crescido, nua, ocupada em coletar frutos e pequenos animais, assar bananas-da-terra e tomar banhos de rio. Seus cabelos eram pretos e lisos e cortados no formato de uma tige-

la, como sua mãe e sua avó tinham usado. Iarima enfeitava as orelhas com flores, e a boca e o nariz, com gravetos. Em ocasiões especiais, colava plumas brancas nos cabelos.

Iarima provavelmente ainda estaria lá, vivendo com sua família na *xapono*, a grande casa de palha que abriga toda a comunidade de cerca de 80 pessoas, se, certo dia de 1975, Kenneth Good, um inquieto estudante de doutorado de Antropologia da Universidade do Estado da Pensilvânia, não tivesse atravessado as perigosas corredeiras de Guajaribo — a defesa natural dos hasupuweteri e de outras tribos contra o mundo exterior — e se instalado numa cabana próxima ao povoado, munido de gravador, câmera e livros.

Hoje com 48 anos, Kenny — como foi apelidado pelos índios — pretendia permanecer na selva quinze meses. Acabou ficando doze anos. Ao fim desse tempo, tinha uma esposa índia (Iarima) e uma fascinante história de amor para contar. A história foi recentemente publicada pela editora nova-iorquina Simon & Schuster com o título *Into to*

the Heart - One Man's Pursuit of Love and Knowledge Among the Yanomama. Seus direitos de filmagem foram vendidos para a Columbia Pictures. Ainda não há uma edição do livro no Brasil, mas quem sabe inglês pode tentar encomendar nas livrarias de importados. Se vale a pena? Leia toda a reportagem e conclua você mesma.

“Eu era uma menina pequena quando vi Kenny pela primeira vez. Eu nunca tinha visto um *nabe** antes. Nós puxamos o cabelo preto da sua cara. Nós rimos da sua pele branca e nos perguntamos por que o seu corpo era tão comprido. Ele tinha a maior testa que eu já tinha visto. Nós o ajudamos a construir uma casa de barro para botar as suas coisas dentro, separada da *xapono* onde nós vivíamos. Mas quando nós comemos um pouco da sua casa, ele ficou com raiva e gritou. Ele não podia falar com a gente, e nós o chamávamos “Língua de Fantasma”, como alguém que não pode falar ou um bebê. Ou, às vezes, eu o chamava de “Testa Gran-►

* Os ianomami usam a palavra *nabe* para se referir a todos os que não falam a sua língua.

IARIMA

de". Eu era uma menininha naquela época, só uma menininha."

É assim que Kenneth Good descreve em seu livro os pensamentos de Iarima no seu primeiro encontro. Good fazia parte da expedição do antropólogo Napoléon Chagnon, autor de um dos mais famosos livros sobre os ianomami — *The Fierce People* —, onde ele defendia a tese de que os índios eram agressivos, matadores inatos, justificando a idéia de que a violência humana está embutida em alguma caixa preta genética. Adversários acadêmicos discordavam, dizendo que as lutas entre as tribos ianomami cumpriam a função de manter uma distância razoável entre elas, assegurando assim a abundância de caça e frutos. A missão de Good era ajudar a demolir esta tese estudando a dieta dos índios.

Durante os meses que se seguiram, o antropólogo, instalado numa casa de barro e, mais tarde, dentro da própria *xapono*, se dedicou a aprender a língua e a monitorar o consumo de alimentos dos ianomami. Só que o mesmo acontecia no sentido inverso: a curiosidade dos índios sobre o *nabe* parecia infundável; o mais simples dos seus gestos era suficiente para fazê-los rolar de rir.

"Eles chegavam com o amanhecer e ficavam à minha volta até o cair da noite. Eu nunca tinha sossego. Nunca tinha privacidade", descreveu Good em seu livro. Quando ele tirava os sapatos, os índios riam. Perguntava alguma coisa, riam. Ninguém entendia por que enfeitava os olhos tão estranhamente (com um par de óculos). "Algumas vezes eu sentia como se houvesse um circo na Amazônia e eu estivesse no meio do picadeiro."

As crianças, que não se importavam em repetir uma palavra dúzias de vezes, o ajudavam a aprender a língua ianomami. Entre elas, estava Iarima, então com 8 ou 9 anos: "Era a criança mais encantadora que eu tinha encontrado", lembra Ken-

ny, que, em pouco tempo, se tornou um amigo especial da sua família.

Vinte e seis meses haviam se passado quando o antropólogo retornou à Universidade da Pensilvânia, disposto a romper com o diretor da expedição, Chagnon. Na opinião de Good, Chagnon exagerava os aspectos violentos da vida dos ianomami para tornar o seu livro mais vendável. De qualquer maneira, os dois nunca tinham sido grandes amigos. Depois de acertar as contas com o cientista, Good recebeu uma proposta do Instituto Max Planck, de Munique (Alemanha). Eibl-Eibesfeldt, um estudioso do comportamento humano, desejava pesquisar os ianomami — certamente um dos últimos povos no mundo com a sua cultura original relativamente intacta — e queria a sua ajuda. Meses depois, Kenny estava de volta à aldeia hasupuweteri.

Foi então que Barbalonga, um dos chefes da tribo, resolveu ter uma conversa séria com o *nabe*. "Você vem para cá a toda hora nos visitar. Eu tenho pensado muito e acho que você deveria ter uma esposa. Não é bom para você viver sozinho." Good tentou tirar o corpo fora, mas acabou vencido pela insistência do chefe índio e pela satisfação de verificar que os ianomami o aceitavam como igual. Barbalonga, feliz, determinou: "Fique com Iarima. Você gosta dela".

Iarima era ainda uma criança e o "noivado", puramente formal. De

acordo com o costume, ela continuou vivendo com seus pais e levando a vida normalmente. Como deferência especial ao noivo, sua mãe a enviava de quando em quando para a rede de Kenny com uma banana assada ou um pedaço de carne. Ele lhe dava um aipim ou um naco de tabaco para chupar. Os dois ficaram amigos. "Nossa relação mudou. Antes, Iarima tinha sido a garota bonitinha com o grande sorriso (...). Agora era algo mais, e, à medida que o tempo passava, muito mais (...). Eu sabia que isso, pelo menos em termos ianomami, estava se tornando um casamento. Aqui na Amazônia, tudo é tão simples e direto — sem cerimônias, sem troca de presentes ou juras. O casamento simplesmente acontece. Ele evolui, ele se desenvolve e se torna real", escreveu o "noivo".

A história de Kenny e Iarima, entretanto, se revelaria bem mais complicada. "Nós não éramos marido e mulher em termos sexuais, mas em todos os outros aspectos éramos", conta o antropólogo. "Por isso mesmo me senti temeroso quando chegou o dia de partir para a Alemanha. Antes, sempre que eu ia embora, deixava uma menina para trás. Desta vez era diferente. Iarima estava quase com 13 anos e, obviamente, próxima da puberdade."

Na floresta, uma jovem sem marido não fica sozinha muito tempo. Considerada disponível, ela passa a ser caçada por todos os homens da redondeza e, geralmente, é estu-

prada. Entre os ianomami, isso é considerado normal — mesmo as mulheres aceitam o fato com naturalidade. Sem saber quando poderia voltar, e consciente de que Iarima logo teria a sua primeira menstruação, Kenneth resolveu fazer um discurso para a tribo: "Eu vou voltar. Ninguém pode tocá-la. Ninguém! Ela é minha mulher! Eu nunca toquei em uma das suas mulheres! Eu mesmo



Trabalhando entre os índios: Kenny e seu inseparável gravador.

nunca toquei nela! E ninguém mais vai!" A cada frase, Good dava um soco numa estaca de madeira ou batia com os braços nas coxas, como um autêntico marido ianomami. "Eu tinha que falar numa linguagem que eles pudessem compreender. Agora, eles pensam que todos os brancos são assim."

De regresso ao Primeiro Mundo, com dificuldades de financiar uma nova expedição, Good acabou desistindo de voltar aos ianomami e para Iarima: "Considerada racionalmente, a dissolução do que poderia ter sido um casamento real era o melhor que poderia acontecer, para Iarima e para mim". Justamente, então, o governo venezuelano decidiu fazer um censo entre os índios e contratar Good para realizá-lo. Durante meses, ele visitou tribos ianomami (treze delas jamais tinham visto alguém de fora) e, conseqüentemente, os hasupweteri. Muita coisa havia acontecido durante a sua ausência.

"Um dia, eu estava carregando o bebê da minha irmã e notei que eu tinha sangue na minha perna. Eu sabia que yii-pimou tinha chegado. Quando contei, minha mãe me fez sentar atrás da casa enquanto ela e minha irmã mais velha foram para a floresta catar folhas da árvore yüpi. Elas fizeram uma casinha para mim e eu senti lá dentro por muitos dias. Só comia e bebia o que me era trazido. Se um mosquito me mordida, eu tinha de me coçar com um pauzinho. Quando eles me deixaram sair, me levaram para a floresta e me enfeitaram com pulseiras de algodão. Puseram uma saia em volta da minha cintura e bonitas plumas brancas no meu cabelo. Quando eu entrei na xapono e andei através da praça (...), todo mundo estava olhando para mim", descreveu Iarima ao antropólogo.

Aquela altura, a indiazinha já era uma mulher de 15 anos e passou a pendurar a sua rede junto à de Kenny. Os dois haviam se tornado, finalmente, marido e mulher de verdade. Logo Iarima engravidou, mas perdeu o bebê em um aborto natural. Kenneth ficou tão

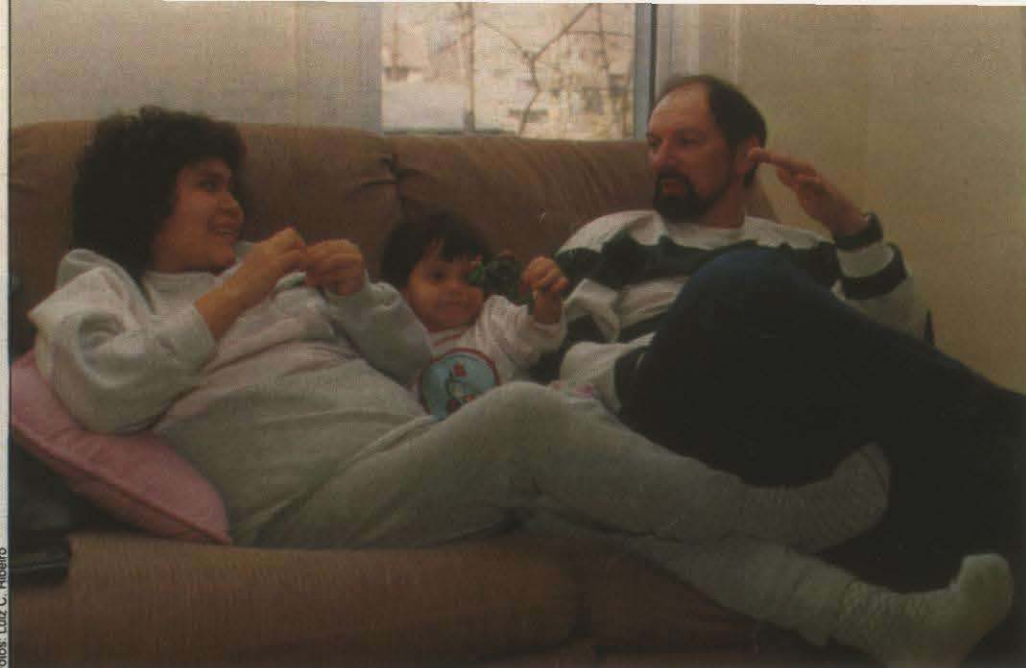


Foto: Luiz C. Ribeiro



Kenneth Good

Longe da xapono, a grande casa de palha que abriga toda a comunidade ianomami, Iarima espera seu terceiro filho. Ela aprendeu a lidar com os mais modernos aparelhos: microondas, geladeira, secretária eletrônica e até videocassete. Foi um salto no tempo: da Idade da Pedra rumo ao século XXI.



IARIMA

arrasado como se estivesse ele mesmo esperando a criança, mas Iarima, com resistência física e mental insuperável para uma mulher urbana, no dia seguinte já carregava a sua pesadíssima cesta e sorria: "Não se preocupe, nós faremos outro bebê"

No entanto, havia muitos problemas para resolver. A presença de Kenneth entre os ianomami era controlada por permissão dada pelo governo venezuelano. Ao tentar renová-la, ele descobriu que as autoridades locais não desejavam sua permanência. Depois de muitos meses em Caracas, negociando com burocracia e políticos, o antropólogo conseguiu regressar à selva, só para descobrir que haviam espalhado o boato de que ele morreria.

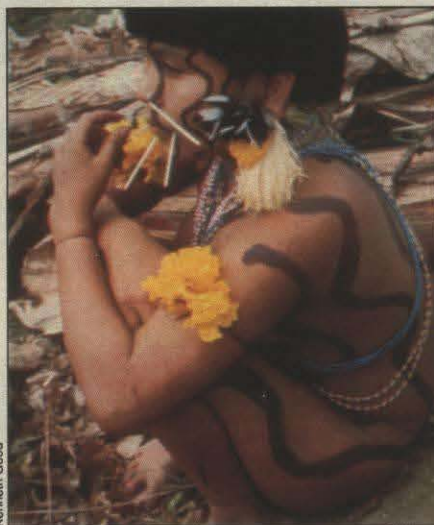
Iarima estava vivendo com um índio: a única maneira de escapar à interminável série de estupros que se seguia. "Quando eu ia para a floresta, eles vinham atrás. Quando eu ia me banhar, eles vinham. Nunca me deixavam sozinha. Meu pai não podia me ajudar. Tentou fazer com que parassem, mas eram muitos. (...) Uma vez um deles tirou a sua roupa e me sufocou com ela. O mundo ficou negro, e eu pensei que ia morrer", contou Iarima ao voltar a morar com seu marido branco. Como marca do episódio, a sua orelha havia sido rasgada, tornando-se uma fonte permanente de tristes lembranças. Depois de muita insistência, Kenneth conseguiu convencer a mulher a viajar até Puerto Ayacucho, para se submeter a uma pequena cirurgia reparadora. O casal foi interrogado por oficiais do governo, que tentaram a todo custo fazer com que Iarima dissesse que não desejava viver com Good.

Um casamento poderia encerrar o problema, mas ela não possuía carteira de identidade. Superando esse último empecilho, Kenneth conseguiu o documento e também um passaporte. Meses depois, os dois embarcavam para os Estados Unidos, onde legalizaram sua união. Iarima estava grávida pela segunda vez.

Hoje, a "indiazinha" tem talvez 26



A adaptação ao novo mundo não está completa. Iarima quer aprender a língua dos nabe.



anos. "É impossível saber exatamente. Os ianomani não possuem sistema numérico. Eles só conhecem um, dois e muitos", diz Good, enquanto sua esposa de pele morena brinca, alheia, com seus dois filhos — David e Vanessa. São as crianças que, aos poucos, estão ensinando à mãe a língua nabe. O salto que Iarima teve de dar foi colossal. Culturalmente, ela vivia na Idade da Pedra.

Good explica: "Os ianomami não parecem ter sequer aquelas palavrinhas como alô, até logo, por favor, obrigado — que tornam tão fácil se relacionar com alguém sem dizer coisa alguma (...). Os ianomami não encontram estranhos. Eles vêem todo mundo, todo dia, como uma grande família. Por

isso, estes termos não fazem sentido para eles. 'Como você está?' O que você quer dizer com *Como eu estou?* Eu estou aqui. Você me viu há dez minutos, você me vê agora. É assim que eu estou."

Por isso mesmo, o fato de Iarima ter ignorado a minha presença durante boa parte da nossa visita não me incomoda. Enquanto Kenneth e eu conversamos, ela se estica no sofá, descansando as pernas sobre as do marido, e boceja com naturalidade. "Fez isso na televisão, ao vivo", diverte-se Kenneth. "Começou a bocejar e depois colocou a perna em cima da minha."

Tento estabelecer contato: "Você gosta de viver aqui, Iarima?" "Sim". "Você gosta do frio?" "Frio? Gosto", sorri. "Neve. Eu gosto."

"Ela é que escolheu viver aqui, por causa do frio", conta Good. "Eu queria viver na Flórida, mas ela disse: 'Eu já venho de um lugar quente, quero ir para onde tenha neve'. Muita gente não acredita, mas é ela quem toma a maior parte das decisões. Eu procuro fazer as suas vontades, pois sei que é duro ficar longe da família para um ianomami."

A pesar das dificuldades, pouco a pouco, Iarima está se adaptando. Ninguém diria que vem de uma cultura onde não existe a palavra "obrigado" ao vê-la ensinar o filho, matematicamente, a falar "thank you". Ela também não esquece de apertar as mãos e dizer adeus, ao sair para fazer compras, atividade que se tornou seu principal passatempo nos últimos meses. "Ela mesma escolhe as suas roupas. Compra muita bobagem, mas sempre se preocupa em comprar roupas para as crianças."

Iarima agora está se aventurando a usar maquiagem. Uma permanente encrespou o seu cabelo. Com os cachos e brincos roçando os ombros, parece bem diferente da pequena ianomami de outrora. "Ela fica muito mais bonita com o cabelo liso", reclama Good.

Além da estética, o paladar de Iarima também mudou o suficiente para acomodar uma paixão por Coca-Cola, batatas e galinha fritas. A facilidade de en-

trar em um restaurante e comer o que quiser, quanto quiser, é uma das revoluções na compreensão do mundo ianomami. Numa comunidade seminômade da Amazônia, a vida é uma perpétua procura de comida. "Para um ianomami, não faz sentido perguntar se você está com fome. É a mesma coisa que perguntar se você quer respirar", explica Good.

Em casa, a sua alimentação continua se baseando na dieta ianomami — aipim, bananas, peixe, galinha ou porco (na Amazônia, os porcos-do-mato são muito apreciados). "Ela está se acostumando a usar um pouco de sal, mas se recusa a comer um animal desconhecido. Comer carne de vaca, por exemplo, ainda é repugnante", explica Good. Apesar disso, almôndegas são a especialidade de Iarima, junto com macarrão, ovos e panquecas.

"Ela aprende muito rápido. Eu ensino uma vez e nunca mais esquece. Aprendeu a lidar com o fogão, o microondas, a secretária eletrônica, a máquina de lavar, o aspirador de pó, tudo de uma vez só", diz o marido, orgulhoso. Tarefas que enrolam muito cate-drático — como programar o videocasete — também não têm segredo, embora Iarima não saiba ler. "Ela simplesmente vê a forma do número que está na televisão e aperta os botões do controle remoto", fala Good.

O próximo objetivo da ianomami é desvendar os segredos do automóvel. Quando viu pela primeira vez um veículo, em Puerto Ayacucho, Iarima foi se esconder atrás de um arbusto, pensando que fosse um animal de grandes olhos brilhantes prestes a atacá-la. Agora, ela quer um carrinho vermelho. "Isso lhe daria muita independência. Mas antes ela precisa aprender inglês ou espanhol. Em Nova York, há aulas de direção em 25 línguas, mas não em ianomami", brinca Kenny.

Terminado o estágio de deslumbramento com o novo mundo, o tédio começa a aparecer. "Iarima não tem o que fazer. Até a hora do almoço, já acabou todas as tarefas domésticas e aí não tem com quem conversar ou como sair", conta Good. Para matar o tempo, o jeito é assistir à tevê. Embora os ianomami não conheçam instrumentos musicais, Iarima já aprendeu a gostar de Michael

NÓS, A GENTE

Conta a lenda que Oname — o princípio gerador — criou primeiro os ianomami, colocando-os no centro do mundo. Só depois de descansar, povoou o resto do planeta. Não poderia ser diferente. Como todo povo que se preze, os ianomami dividem a humanidade em duas "espécies": eles e os outros. Por isso, o termo significa, ao pé da letra: "nós, a gente".

Habitantes da floresta amazônica há pelo menos 1000 anos, os ianomami ocupam as regiões que vão das cabeceiras do rio Orenoco, na Venezuela (onde Iarima nasceu), até as terras abaixo da Rodovia Perimetral Norte, em Roraima. Ao todo são cerca de 20 mil índios, 10 mil dos quais moram em território venezuelano. Bem-humorados e valentes, eles possuem apenas instrumentos rudimentares. Vivem de caça, pesca e de uma agricultura de subsistência (mandioca, banana, cana), ignorando qualquer tipo de comércio. Os homens são polígamos e, ainda hoje, as famílias praticam o infanticídio, asfixiando os recém-nascidos indesejáveis, principalmente os do sexo feminino.

Até pouco tempo atrás, esses índios praticamente não tinham contato com a sociedade moderna. Mas como em seu território há muito ouro e cassiterita, houve, em 1987, a invasão das reservas indígenas brasileiras por parte de 45 mil garimpeiros. Os ianomami tiveram, então, que enfrentar o *xawara*, isto é, as epidemias inexplicáveis que dizimam aldeias e desafiam o poder de cura dos *xamãs*. Malária, sarampo, gripe, tuberculose, doenças venéreas acabaram vitimando, nos últimos anos, de 10 a 15% da já reduzida população ianomami.

Em janeiro de 90, o ministério da Justiça determinou a remoção dos garimpeiros para três reservas extrativas na Floresta Nacional de Roraima e, em março do mesmo ano, o governo federal começou a destruir as pistas de pouso clandestinas construídas nas terras indígenas. Mas o problema está longe de ser resolvido. A chegada da "civilização" trouxe a distribuição de farinha, açúcar, facas, anzóis, machados: os eternos "presentes de grego" com que os "brancos" compram a confiança dos nativos. Moral: os índios deixaram de caçar, plantar e, agora, vagam em torno das pistas desertas, às vezes em companhia dos próprios garimpeiros, igualmente empobrecidos. Nem toda história ianomami tem o final feliz do conto de fadas que Iarima viveu.

Jackson, Janet Jackson e Paul Simon. Quando a saudade da *xapono* aperta, ela vê o "filme da selva", como chama as fitas gravadas por Kenneth em que os ianomami aparecem lutando e dançando.

"Nós precisamos voltar lá, mas é incrivelmente caro — na última vez que fui, gastei mais de 20 mil dólares", lembra o antropólogo. A satisfação de Iarima, entretanto, compensou a despesa: "Ela estava tão feliz. Tirou a roupa imediatamente e virou ianomami de novo. Até teve nossa filha Vanessa no mato". A adaptação da indiazinha aos Estados Unidos deverá gerar outro livro, cujo contrato estava em elaboração em fevereiro. "Será sobre os pensamentos e sentimentos de Iarima, como ela vê o nosso mundo", diz o marido.

"Você não acha que esses livros e o filme sobre a sua mulher podem dar impressão de que você a está usando?", indago.

Não é a primeira vez que ele ouve esta pergunta e a resposta é tranqüila: "Eu acho que qualquer pessoa que souber o quanto nós tivemos de superar, os sacrifícios que tivemos de fazer um pelo outro, sabe que isso não é possível. Este livro não me ajudou a fazer carreira — todos os meus amigos que começaram a pesquisar os ianomami comigo, hoje estão muito melhor de vida do que eu, que joguei tudo pro alto para ficar com ela. Estes livros não me deixaram rico, eu estou aqui me preocupando em como sustentar mais uma criança. Acho que esta concepção reflete racismo. Você não pode se apaixonar por uma ianomami, tem de haver um motivo por trás".

A vida comum de um antropólogo e uma ianomami certamente tem suas dificuldades, admite Good. "Não posso falar do meu trabalho com ela, pois não entenderia. Nós não discutimos política. E ela é totalmente dependente de mim. É difícil, mas isso não me incomoda muito. Eu sofro mais por Iarima, que, na selva, já era uma adulta desde os 15 anos. Kenneth dá de ombros. "Mas você não sai com uma lista de requisitos quando vai se apaixonar." ★

Texto: Anabela Paiva,
exclusivo para CLAUDIA, de Nova York.